

# Tecendo um percurso para análise da enunciação em língua adicional e seus aspectos considerando a dimensão antropológica da teoria enunciativa de Émile Benveniste

Weaving a path to analyze enunciation in an additional language and its aspects considering the anthropological dimension of Émile Benveniste's enunciative theory

Bruna Sommer Farias\*

---

**RESUMO:** Com vistas a propor um encaminhamento para um percurso teórico-metodológico para análise da enunciação em língua adicional, o presente artigo embasa tal proposta através da discussão das leituras realizadas por Gérard Dessons (2006) sobre o viés antropológico da teoria enunciativa de Émile Benveniste e por Aya Ono (2007) sobre os aspectos da enunciação. O foco das reflexões se concentra na relação entre as noções de língua, sociedade e cultura em Benveniste e na influência de tal imbricação para o processo de aquisição e enunciação da língua adicional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciação. Língua adicional. Antropologia da Enunciação. Benveniste.

---

**ABSTRACT:** In order to propose a theoretic and methodological path to analyze enunciation in an additional language, this article is based on discussions of Gérard Dessons's (2006) reading of the anthropological dimension of Émile Benveniste's enunciative theory, and on Aya Ono's (2007) reading of the aspects of enunciation. The reflections' focus is the relationship among the notions of language (*langue*), society and culture in Benveniste and the influence of this relation to the process of acquisition and enunciation in an additional language.

**KEYWORDS:** Enunciation. Additional language. Anthropology of enunciation. Benveniste.

---

## 1. Introdução

O artigo *O aparelho formal da enunciação* (1970)<sup>1</sup> de Émile Benveniste é a síntese que organiza e aponta para a abertura da teoria linguística do linguista, segundo Aresi (2012). Isso implica afirmar que as reflexões do autor sobre a língua e a enunciação compõem uma parte do seu trabalho. Ao passarmos os olhos pelos títulos de alguns de seus artigos que estão em *Problemas de Linguística Geral I e II* e, instigados, nos aprofundarmos em sua leitura, veremos que Benveniste vai além de teorizações sobre a língua: o autor alça vôo sobre outros aspectos

---

\* Mestre em Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Teorias do Texto e do Discurso pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de português como língua adicional no Programa de Português para Estrangeiros (UFRGS).

<sup>1</sup> O artigo será referido doravante como *O Aparelho*. A data entre parênteses refere-se à data de publicação do artigo na revista *Langages*, Paris, Didier-Larousse, 5º ano, nº 17 (março de 1970). O artigo está contido no volume *Problemas de Linguística Geral II* (2006). Os volumes dessa obra serão referidos como PLG I e PLG II, cujas edições aqui referidas datam de 2005 e 2006, respectivamente.

concernentes aos fenômenos acerca do homem no mundo, ou seja, na cultura e na sociedade. De fato, a linguística, no conjunto das ciências do homem que acabam sendo englobadas nas discussões feitas pelo linguista, tem um lugar de relevo para Benveniste, pois ele afirma que é a língua que ensina a própria definição de homem, ou seja, que o funda enquanto sujeito no mundo. Nas palavras do autor, “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem” (PLG I, p. 285).

A partir disso, percebemos que a visão de língua e de homem se relaciona de alguma forma com este “mundo” em que o homem vive, e Benveniste teoriza sobre essa relação através de noções como sociedade e cultura. Tais noções conferem uma dimensão antropológica ao pensamento benvenistiano. Esse é o ponto de vista elucidado por Dessons (2006), que afirma que o homem está no centro do pensamento de Benveniste: na medida em que falar, para o homem, torna-o sujeito, tomar a enunciação como o modo de fazê-lo homem é um movimento complexo de seu pensamento em busca de definições sobre esse ato fundador do homem proveniente do uso da língua. Desse modo, podemos perceber que a configuração antropológica das bases do pensamento benvenistiano é ponto de partida de suas teorizações sobre a língua e sobre o homem na língua, e não ponto de chegada. Pretende-se, no decorrer deste artigo, esclarecer tal ponto de vista.

A noção de *enunciação*, definida como “ato individual de apropriação da língua”, “como grande processo”, no artigo de 1970, relaciona-se com diversos termos utilizados por Benveniste ao longo de 40 anos de estudos. A tese de Ono (2007) se propõe a refazer o percurso terminológico que remete à noção de enunciação ao longo das publicações de Benveniste, através da tessitura de uma rede de conceitos que permite entender melhor a complexidade do caminho feito pelo linguista para construir um entendimento sobre esse fenômeno. Esse caminho configura a fundação do homem no mundo e instaura sua relação com outros homens dentro de uma sociedade: um homem que é autorizado e, ao mesmo tempo, interdito em sua enunciação por uma determinada cultura. Benveniste analisa, em *O Aparelho*, três aspectos sob os quais o “grande processo” da enunciação poderia ser estudado: o aspecto vocal da enunciação, a conversão da língua em discurso e o quadro figurativo da enunciação. Além destes, em sua tese, Ono (2007) discute com ênfase mais dois aspectos que constituem a enunciação: o diálogo e a referência.

Por fim, a partir dessa breve explicação, este artigo pretende retomar, como um ponto de partida, as bases do pensamento benvenistiano e sua dimensão antropológica a partir de

Dessons (2006) e de excertos de alguns textos de Benveniste que compõem os dois tomos de *Problemas de Linguística Geral*, em sua primeira e próxima seção. Por sua vez, na seção 2 e nas subseções seguintes, buscaremos explicitar, de forma breve, os aspectos que constituem o processo enunciativo enquanto mecanismo linguístico-discursivo, com base no estudo empreendido por Ono (2007). Justamente por constituir uma sugestão de um percurso de análise da enunciação, entendemos que o aprofundamento dos aspectos da enunciação exigiriam um espaço físico e de desenvolvimento teórico bastante extenso, o que não seria possível realizar neste espaço. Finalmente, retomamos o fio da meada depois de tais explanações teóricas para encaminhar princípios de base enunciativa para análise da enunciação em língua adicional.

Isto posto, verificamos que o objetivo do movimento teórico aqui empreendido busca propor uma possibilidade de percurso teórico-metodológico para se olhar dados de enunciação em língua adicional, através da ancoragem nos aspectos da enunciação e tomando como ponto de partida a dimensão antropológica sobre a linguagem concebida por Benveniste.

## **2. A dimensão antropológica na linguística de Benveniste: o homem fala na sociedade e na cultura**

Benveniste afirma que o duplo objeto da linguística se confunde: as línguas, sendo variáveis e particulares, se “entrelaçam com frequência” com a linguagem, que é a “faculdade humana, característica universal e imutável do homem” (PLG I, p. 20). Para ele, “os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem” (idem). Tais elucidacões sobre o duplo objeto da linguística, em 1963, nos remetem ao fato de que Benveniste reafirma que o estudo das línguas é a primeira ocupação do linguista, porém, ao mesmo tempo, vemos que as reflexões de Benveniste perpassam as questões de constituição do homem quando destaca a faculdade humana da linguagem. No referido artigo, *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, Benveniste perpassa as mudanças ocorridas do campo da Linguística e, a todo momento, ancora-se nos princípios saussurianos para definir suas noções: “[...] é o sistema que é preciso destacar e descrever. Elaborar-se assim uma teoria da língua como sistema de signos e como organização de unidades hierarquizadas” (PLG I, p. 23). Ao mesmo tempo em que define o funcionamento do sistema, Benveniste ressalta que considerá-lo dessa forma não o faz distante da realidade, pelo contrário, tal representação “corresponde à mais concreta experiência linguística”. E evoca o locutor: “As distinções obtidas pela análise concordam com as que o locutor instintivamente pratica” (PLG I, p. 23).

Dessa maneira, vemos que a *forma* linguística é o foco da análise do linguista, porém Benveniste chama a atenção para a indissociabilidade de seu funcionamento em relação à *função* da linguagem. Ao tocar a questão da aquisição da linguagem para exemplificar sua visão, ele afirma que, quando a criança aprende uma língua, isso não se dá de modo instintivo: ela não aprende “o exercício de uma faculdade ‘natural’”, ela aprende “o mundo do homem”. Isso nos remete ao fato de que falar e viver em sociedade não é algo instintivo, mas algo que aprendemos desde cedo, e essas são particularidades fundamentais da língua e da sociedade, segundo Dessons (2006). Este aprender o mundo do homem nos leva a perceber o lugar central do homem no pensamento benvenistiano, de modo que sua linguística deriva do modo como o sentido na língua se constitui em relação ao homem no mundo, fazendo com que se possa verificar “*dimensions d’une véritable anthropologie historique du langage, d’une science de l’homme s’élaborant au sein même de ce qui confère aux relations entre les vivants une signification toujours renouvelée*” (DESSONS, 2006, p. 40).

Assim, é possível verificar que há uma grande reflexão sobre a relação língua, sociedade e indivíduo nos artigos de Benveniste, e tal relação perpassa uma concepção de cultura. O linguista sírio afirma que cultura é o que “dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens [...]” (PLG I, p. 31). E justamente a partir da relação entre língua e sociedade que uma ciência da cultura, base de uma concepção antropológica, poderia ser formulada. É através do estudo da língua, que manifesta traços das relações entre sociedade e cultura, que podemos analisar suas implicações. É importante ressaltar que o autor afirma que a sociedade e o indivíduo se determinam mutuamente dentro da língua e pela língua, porém a estrutura da sociedade não pode ser reduzida ao esquema da estrutura da língua, ou seja, “não se descobre da língua para a sociedade nenhuma relação que revelaria uma analogia em sua respectiva estrutura” (PLG II, p. 93).

No artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, texto contemporâneo a *O Aparelho*, Benveniste opera distinções entre duas acepções do termo língua e do termo sociedade. Enquanto no nível chamado histórico não se pode estabelecer correlação entre ambas, no nível denominado fundamental, o autor reconhece alguns caracteres que são comuns uma à outra: ambas são herdadas, ambas não podem ser mudadas pela vontade dos homens, a não ser por meio de instituições, ambas são realidades inconscientes, por exemplo. Além disso, Benveniste destaca sua relação pontuando que “a língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana, ela se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de

produzir meios de subsistência [...]” (PLG II, p. 97). No entanto, o autor define tal relação como sendo semiológica, pois “em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade” (idem). Essa dependência se confirma ao pensarmos que “é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas. Nesse sentido, a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por esta” (PLG II, p. 98). Desse modo, destaca-se a diferença de natureza da língua e da sociedade, fato que, segundo um princípio semiológico colocado por Benveniste em tal artigo, retomado do artigo “Semiologia da Língua”, leva à impossibilidade de poderem coexistir em condição de homologia, ou seja, “eles não podem ser mutuamente interpretantes um do outro, nem ser conversíveis um no outro” (idem).

Isso significa que as mudanças da sociedade não são diretamente refletidas na língua; o sistema da língua muda segundo uma dinâmica mais lenta e gradual, dado o peso da coletividade, dado o seu caráter de “instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros de uma sociedade” e que, em virtude de sua própria estrutura, “funciona como uma máquina de produzir sentido” (PLG II, p. 99). Assim, a natureza e a experiência do homem, o que Benveniste chama sociedade, tem um instrumento próprio para sua interpretação, que é a língua. Somente o que se converte em palavras, o que se reduz em palavras, pode ser compreendido, pode ser interpretado. É a língua que dá sentido ao que é vivido pelo homem.

Empregar a palavra “é o poder de ação, de transformação, de adaptação, que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária” (PLG II, p. 24). Assim, na língua também podem estar impressos valores que advêm da cultura, de maneira que a língua pode revelar a cultura. Para ele, a cultura, assim como a língua, “é um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem” (PLG II, p. 22). Dessons (2006) também explicita o ponto de vista benvenistiano citando passagens em que o autor destaca a organização dos valores da cultura através de um sistema: “*C’est pourquoi le domaine de la culture relève ‘des valeurs de système de valeurs’, ‘d’articulation entre les valeurs’, des valeurs qui sont appréhendables par une approche linguistique, puisqu’elles ‘s’impriment dans la langue’*” (DESSONS, 2006, p. 55).

Dessa maneira, para fazer-se homem no mundo, a criança aprende a língua, de modo que a linguagem lhe é “inculcada”, e “aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura”. (PLG II, p. 23). Mais uma vez, vemos que Benveniste considera a aquisição de formas na aprendizagem de uma língua, porém não deixa de destacar que “nenhuma língua é

separável de uma função cultural” (idem), de modo que as realidades são definidas necessariamente como elementos de cultura, retomando o fio que mantém em uma relação de imbricação a língua, o homem, a cultura, a sociedade. O ato de discurso que confere àquele que fala o estatuto de homem, confere-lhe também o poder de fazer “renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento”, ou seja, permite que, como locutor, represente a realidade para seu ouvinte, para quem, por sua vez, a realidade é recriada (PLG I, p. 26). É esse movimento da linguagem que torna possível a comunicação intersubjetiva, ao mesmo tempo fundamento do indivíduo e do coletivo: “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo” (PLG I, p. 27). Isso se relaciona com a discussão que Dessons (2006, p. 50) apresenta: “*il y a ainsi, lié à la nature de la langue, une condition sociale spécifique de l’humain: elle rend indissociables le devenir de l’individu et celui de la collectivité*”. Assim, falar uma língua é instaurar-se enquanto indivíduo na coletividade que vive pela língua e, ao mesmo tempo, dá vida à ela enquanto tal.

Na esteira dessas reflexões, cabe ressaltar quem nas palavras de Benveniste, o elo vivo que prende o homem, a língua e a cultura é definitivamente o símbolo. É na linguagem que a faculdade simbólica do homem se realiza por excelência, e a partir dela os outros sistemas de comunicação se organizam. A cultura enquanto fenômeno humano é, para Benveniste, um fenômeno inteiramente simbólico. E é “pela língua [que] o homem assimila a cultura, a perpetua e a transforma” (PLG I, p. 32). Assim, integrar-se na cultura que rodeia o homem exige que ele seja capaz de simbolizar, de compreender as formas, os sentidos e os conteúdos das atividades humanas empreendidas em determinada sociedade. A cultura, para Benveniste, “consiste em uma multidão de noções e prescrições, e também em interdições específicas; o que uma cultura proíbe a caracteriza ao menos tanto quanto aquilo que prescreve” (idem).

O rumo que tais considerações de Benveniste sobre a cultura alcançaram influenciam o modo como o autor vê o desenvolvimento da linguística: ele prevê que novas disciplinas surgirão e darão lugar a uma ciência da cultura, “que fundará a teoria das atividades simbólicas do homem” (idem). Mais uma vez, é explícito o lugar de relevo que o homem ocupa nas reflexões benvenistianas, corroborando o ponto de vista que Dessons (2006) formula. Segundo este, o ato de comunicar analisado do modo de Benveniste vai muito além da transmissão de mensagens, ponto de vista defendido pelas teorias da informação. Pelo contrário, há uma antropologia do valor em Benveniste, “*qui rend indissociables l’acte de communiquer et*

*l'élaboration des valeurs constitutives de la société humaine en tant que faits de culture*" (DESSONS, 2006, p. 43).

De acordo com o apresentado até aqui, podemos verificar que a *significação* é uma questão que perpassa todos os temas e problemáticas do trabalho benvenistiano. Mantendo em mente a dimensão que a relação da língua com a cultura no seio da sociedade toma em Benveniste a partir do apresentado por Dessons (2006), a próxima seção visará a explicitar os aspectos do mecanismo enunciativo elencados por Benveniste em *O Aparelho* e analisados com mais detalhes por Ono (2007).

### 3. O homem na língua na e pela enunciação

#### 3.1 O percurso da seção

Como responsável por uma edição da revista *Langages* sobre os estudos enunciativos, Tzvetan Todorov julgou que um texto de Émile Benveniste deveria figurar entre as publicações por conta dos estudos de caráter enunciativo empreendidos por ele. Assim, solicitou a Benveniste a escritura de um texto que falasse de modo elucidativo acerca dos conceitos que o linguista sírio já havia apresentado em artigos anteriores, como língua, ato individual, signo, discurso e, por fim, a configuração do processo da "enunciação". De tal pedido resultou *O Aparelho Formal da Enunciação*. A exegese empreendida por Aresi (2012) demonstra de maneira profunda e brilhante que o modo como Benveniste constitui seu texto, sintetizando e organizando suas considerações sobre o fenômeno da enunciação, não encerram a teoria por ter um caráter sintético. Pelo contrário. A publicação de *O Aparelho* aponta para outros caminhos a serem seguidos pela teoria, o que faz com que possamos concebê-lo como "[...] um texto de abertura da teoria e do escopo de análise da enunciação" (ARESI, 2012, p. 191). A análise de Aresi se ancora em alguns aspectos da enunciação citados por Benveniste, como o aspecto vocal, a semantização, os procedimentos acessórios e as formas complexas do discurso, para explicar de que modo o célebre texto de 1970 direciona abordagens diversificadas da enunciação para serem realizadas em trabalhos futuros.

Assim sendo, esta seção pretende retomar brevemente os três aspectos da enunciação que são apresentados em *O Aparelho*, referindo algumas noções e teorizações do autor que foram tratadas em textos anteriores. A esses três aspectos – a realização vocal da língua, a conversão individual da língua em discurso, e o quadro formal de realização da enunciação – somaremos algumas considerações feitas por Ono (2007) sobre o aspecto dialógico e o aspecto

referencial da enunciação. Para tanto, nos basearemos na metodologia utilizada pela autora, ou seja, faremos uma breve retomada sobre os conceitos que configuram uma rede terminológica dos aspectos da enunciação a partir dos conceitos de *O Aparelho* e verificar como essas noções se articulam com outras noções. Assim como destaca Ono (2007), portanto, parte-se dos conceitos citados em *O Aparelho*, pois tal texto é um dos pontos de referência mais importantes para a teorização da noção dentro da chamada linguística da enunciação.

### 3.2 A noção de enunciação e seus aspectos

Após percorrer textos do autor que figuram sobre linguística geral e gramática comparada, Ono (2007) elenca dois tipos de emprego da palavra *enunciação* utilizados por Benveniste. A acepção descritiva, não-teórica, remete à enunciação que descreve o ato de proferir uma prece, por exemplo. Sem o ato que de proferir preces, o rito não existiria, pois essa situação de enunciação ocorre de modo que a fala constitui o rito que está sendo empregado, isto é, o rito enquanto acontecimento nasce da enunciação que está sendo proferida. Segundo a autora, a acepção descritiva é encontrada desde o início até o fim dos escritos de Benveniste, figurando principalmente nos artigos sobre gramática comparada e sobre religiões antigas, que levavam à abordagem dos rituais. Nas palavras de Ono, “*l’énonciation ainsi conçue signifie non seulement l’acte de proférer une formule, mais aussi l’acte qui constitue le rite e sans lequel celui-ci n’existerait pas*” (Ono, 2007, p. 55).

A acepção teórica de *enunciação*, por sua vez, é aquela que a concebe como um ato linguístico discursivo, o ato individual de utilização da língua. A autora enfatiza que a recuperação cronológica das aparições que constituem essa segunda acepção de enunciação é difícil de ser empreendida, pois elas compõem problemáticas e não representam uma evolução de termos, de modo que se verifica variação de sentidos do termo que se relacionam em um amplo campo semântico. Por tal razão, Ono (2007) organiza as problemáticas segundo cinco pontos que se relacionam a aspectos da enunciação e apresenta a relação dos termos cunhados por Benveniste, os quais estabelecem reflexões teóricas a respeito das características presentes em cada aspecto. A estrutura da língua, que funciona como uma “máquina de produzir sentido”, entra em ação por um “ato individual de utilização”, e o mecanismo que coloca em funcionamento esse “aparelho de formas” pode ser estudado, segundo Benveniste, sob diversos aspectos. É importante ressaltar, assim como afirmam Silva e Stumpf (2012), que os aspectos enunciativos são interdependentes e complementares, de modo que não ocorrem



separadamente, mas representam abordagens possíveis pelas quais se pode analisar o fenômeno enunciativo.

### 3.2.1 O aspecto vocal da enunciação

O “mais imediatamente perceptível e o mais direto” (PLG II, p. 82) dos aspectos, embora, de um modo geral “não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação” (idem), é a realização vocal da língua, ou a fonação, cujo estudo específico é pouco aprofundado nos textos do autor se comparado aos outros aspectos. Ono (2007), em seu movimento de recuperação da ocorrência dos termos, identifica a relação da fonação com o que Benveniste escreve em 1954, no artigo *Tendências recentes em linguística geral*, em que descreve a realização da língua como “*énonciations enregistrables pour la manifestation contingente d’une infrastructure cachée*” (PLG I, p.16, apud ONO, 2007, p. 40). Salvo diferenças de tradução, que fazem com que a versão em português dessa passagem traduza o excerto como “*enunciados registráveis com a manifestação contingente de uma infraestrutura escondida*” (PLG I, p. 18, grifo nosso), podemos verificar que a realização fônica da língua, um dos aspectos da enunciação, está ligada a um sistema que está latente e que é promovido à existência através da seleção e da apropriação realizada individualmente pelo locutor. Essa breve e simples descrição do mecanismo já nos mostra o quanto seus aspectos estão imbricados em relação ao fenômeno enunciativo, tendo de ser vistos de modo interligado.

No artigo *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963/2005), também encontramos considerações de Benveniste a respeito do aspecto vocal. Nesse caso, o autor fala do simbólico da faculdade da linguagem que, por um lado, é realizada através da mediação do aparelho vocal. Desse modo, ele considera a linguagem como organizada em dois planos: um deles seria o fato físico que, além do aparelho vocal, também compreenderia o aparelho auditivo como capacitador da recepção, e uma estrutura imaterial, que seria a própria “comunicação dos significados”. Mais adiante, o autor afirma que o sistema da linguagem “não exige nenhum esforço corporal” (PLG I, p. 30), já que ele se realiza em narrativas, definidas como “sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos; mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça”. Em tal excerto, encontramos mais explicitamente a dimensão da força gerada pela enunciação do homem, que ecoa pelas gerações, remetendo às noções de sociedade,

história e cultura anteriormente discutidas. E acrescenta: “nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco” (PLG I, p. 30-31).

Em *A Forma e o Sentido na linguagem* (1966), Benveniste ressalta o duplo aspecto da linguagem, que é seu caráter significante por natureza e sua realização por meios vocais; em suas palavras, ele afirma que a língua tem “o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido” (PLG I, p. 224).

Aresi (2012, p. 97) afirma que o aspecto vocal recebe “tratamento enunciativo” apenas no texto de 1970, pois as passagens nas quais Benveniste refere tal aspecto em textos anteriores ocorrem de certo modo indiretamente, vistas à materialidade fônica. Considerando que o trecho dedicado a esse tema em *O Aparelho* também é breve, Aresi interpreta-o como tendo um caráter prospectivo da teoria, no sentido de direcionar uma abordagem possível de ser realizada em análises enunciativas futuras. Nesse sentido, é interessante citar os estudos empreendidos por pesquisadores da UFRGS sobre o aspecto vocal/fônico da enunciação<sup>2</sup>, cujo projeto busca desenvolver uma proposta de base linguístico-enunciativa para a análise do aspecto vocal/fônico da enunciação em dados de linguagem decorrentes de distúrbios articulatorios com etiologia orgânica definida.

### 3.2.2 A semantização

A produção através da realização da língua via aparelho vocal tem um mecanismo próprio, considerado por Benveniste como “um outro aspecto maior do mesmo problema” (PLG II, p. 83). Assim, a conversão individual da língua em discurso se apresenta como uma segunda abordagem possível de se estudar a enunciação, a qual direciona para a investigação de “como o ‘sentido’ se forma em palavras”. Benveniste imediatamente liga o aspecto da chamada semantização “à teoria do signo e à análise da significância”, eixo que embasa as análises empreendidas pelo linguista durante todo o seu percurso de pesquisas. A conversão da língua em discurso está relacionada com as noções-gêmeas semiótico/semântico, as quais são discutidas no texto *A Forma e o Sentido na Linguagem* (1966) e cujas teorizações análogas também figuram em textos como *Níveis da Análise Linguística* (1964) e *Semiologia da Língua*

---

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa “O aspecto vocal/fônico da enunciação nos distúrbios da linguagem: um estudo enunciativo dos distúrbios articulatorios com etiologia orgânica definida” (PQ – CNPq), coordenado por Valdir do Nascimento Flores. Para saber mais sobre reflexões sobre a voz, por exemplo, ver Flores & Surreaux (2012).

(1969). Os dois planos de significância, semiótico e semântico, representam a bidimensionalidade da língua enquanto objeto teórico que comporta dois pontos de vista diferentes sobre ele. Nas palavras da autora, tal abordagem “*ne signifie pas non plus la scission de la langue mais l’ouverture de deux perspectives à son sujet*” (ONO, 2007, p. 123). Ela afirma ainda que, em *Semiologia da Língua*, o valor da noção de semantização como aspecto operacional se aproxima da noção de enunciação, fazendo com que a linguística do discurso esteja posta de uma nova forma. Apesar disso, justamente pelo fato de as noções discutidas por Benveniste ao longo dos artigos não constituírem um percurso linear e evolutivo, podemos verificar que há relações e estatutos diferentes para noções como semiótico/semântico em seus textos.

Ademais, ao verificarmos que Benveniste descreve, em 1966, que “a semiótica [o semiótico] se caracteriza como uma propriedade da língua; [e] a semântica [o semântico] resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (PLG II, p. 230), vemos que a passagem do semiótico ao semântico ocorre por meio do locutor que, com seu ato individual de apropriação, se coloca no centro desse mecanismo e se torna sujeito ao colocar a língua em funcionamento como discurso: ele dá vida à língua através do mecanismo de semantização, unindo o mundo da língua e o mundo do discurso. No texto de *O Aparelho*, Benveniste une o ato de se produzir um enunciado com o fato do locutor, enquanto instância necessária, mobilizar a língua por sua conta. Assim, encontramos, no texto de 1970, descrito o aspecto individual de apropriação da língua, que nos remete ao primeiro fator a compor o quadro formal de realização da enunciação, a ser detalhado na subseção seguinte.

### 3.2.3 O quadro formal de realização da enunciação

É “a partir da manifestação individual” que a enunciação atualiza que Benveniste se propõe a descrever, em caráter de esboço, os caracteres formais da enunciação, que são “uns necessários e permanentes, outros incidentais e outros ligados à particularidade do idioma escolhido” (PLG II, p. 83). Para tanto, o linguista propõe os fatores: (a) o ato de apropriação, (b) as situações em que o mesmo se realiza, e (c) os instrumentos de sua realização, assim descritos a título de organização. Para se analisar a enunciação, deve-se levar em conta tais fatores sucessivamente. Nas palavras de Aresi (2012, p. 111), “parte-se, portanto, da globalidade do fenômeno, do todo do ato, para então examinar os elementos formais que o compõem e descrever de que maneira eles interagem na própria relação com o todo”.

Primeiramente, o ato de apropriação da língua, fator denominado aqui como (a), implica a sua atualização por um locutor, que se dirige a um alocutário. A enunciação, assim, marca a relação que o locutor estabelece com a língua ao tornar o signo palavra, instaurando-se no tempo e no espaço e valendo-se das estruturas que a língua fornece. É somente a partir da enunciação que a língua nasce, antes dela é apenas possibilidade. Nas palavras de Benveniste, “o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições da enunciação” (PLG II, p. 83). A enunciação como ato único e individual é colocado em relevo por Ono quando descreve o terceiro aspecto, pois é através dos indicadores que “*le locuteur se positionne comme sujet parlant*” (ONO, 2007, p. 55).

Ligado ao aspecto do ato individual de utilização da língua está o aspecto classificado por Ono como o aspecto dialógico da enunciação, caracterizado pela ideia de que “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação”, uma vez que, desde que se declara locutor, aquele que enuncia “assume a língua” e “implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro” (PLG II, p. 82) [grifo do autor]. Isto é, a enunciação supõe um *eu* dirigindo-se a um *tu*, e tal relação é reversível e intersubjetiva.

O modo como esta relação aparece em *O Aparelho* se dá de maneira diferente de como está tratada em textos como *Da Subjetividade*. Segundo Aresi (2012, p. 113), no texto de 1958, o exercício da linguagem “cumpre uma função antropológica, na medida em que é o que permite ao homem constituir-se como sujeito”. Já em *O Aparelho*, o lugar do locutor em relação ao quadro da enunciação é priorizado. Ono (2007) também destaca que a dimensão dialógica se confunde com a dimensão social em Benveniste, fazendo com que possa ser examinada por esse viés na medida em que se aproxima o ato de língua à relação língua e sociedade: “*il est possible de joindre la problématique de l’acte de langage à celle de la relation entre langage et société, et d’examiner la notion d’énonciation dans in cadre à la fois dialogique et social*” (ONO, 2007, p. 56). Benveniste denomina, ainda, essa característica como a que constitui o quadro figurativo da enunciação e por meio da qual há “*a acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (PLG II, p. 87) [grifo do autor].

Por sua vez, e de modo interdependente com o fator anterior, as situações em que a enunciação se realiza, isto é, o fator (b), de acordo com a divisão citada no início da seção, se relaciona com o aspecto de inscrever a frase na realidade do discurso. Para Ono (2007), tal aspecto se mostra similar a ela, mas não é a atualização da língua em discurso, pois a questão

da referência aponta para a relação entre a enunciação e a realidade. Desse modo, a autora coloca esse fator em relevo e discute que a noção de referência está ligada ao discurso, ou seja, à enunciação e a sua instauração no espaço-tempo, o que faz com que tal problemática seja perpassada pela noção de temporalidade. Para Ono (2007), a referência é a ligação da enunciação e da realidade.

Nas palavras de Benveniste, “na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo” (PLG II, p. 84). Portanto, a referência é tomada como parte integrante da enunciação, porque segue a necessidade de o locutor referir a um alocutário pelo discurso, para que este possa correferir identicamente. Desse modo, o locutor está introduzido em sua fala e, ao estar inserida no tempo, a sua enunciação, ou como escreve Benveniste nesse momento, a sua instância de discurso constitui um centro de referência interno. Esta é a situação que é condição para o funcionamento da enunciação, e seu mecanismo se dá através da mobilização de formas específicas, as quais demarcam e colocam “o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” (PLG II, p. 84).

O linguista afirma que é a enunciação que promove à existência certas classes de signos; há indivíduos linguísticos que tomam referência apenas no aqui-agora em que são proferidos, e há indivíduos que têm seu estatuto pleno e permanente na língua. Benveniste cita os índices de pessoa (eu – tu), os índices de ostensão (este, aqui etc.) e as formas temporais como indivíduos que reenviam sempre a conceitos, sempre se referem àquele que fala no momento da enunciação e ao momento em que se enuncia, com toda a efemeridade do fenômeno. Tais categorias de pessoa, tempo e também espaço são os chamados índices específicos que, juntamente com os procedimentos acessórios, correspondem ao fator (c), que indica os instrumentos de realização da enunciação. Ademais, o linguista explica que o seu mecanismo funciona de modo que tais indivíduos “são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo” (PLG II, p. 85). No entanto, ele também ressalta que a influência do locutor está ligada à língua toda, pois mobiliza todos os caracteres por sua conta: “a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” (PLG II, p. 82). Os procedimentos acessórios, portanto, corresponderiam ao modo como o locutor agencia as formas da língua. Aresi (2011) ressalta que “a noção de procedimento está mais relacionada à noção de processo, de modo de organização das unidades, de ‘agenciamento’” (ARESI, 2011, p. 271-272). O autor ressalta, ainda, que ambos os conceitos,

os índices e os procedimentos acessórios, são “complementares e constitutivos do aparelho formal da enunciação”.

Ao empreender uma análise focalizada nas noções de índices específicos e procedimentos acessórios apresentadas em *O Aparelho*, Aresi (2011) percorre artigos anteriores ao artigo de 1970 em busca das relações estabelecidas por Benveniste ao referir o uso da língua. Tal exame aponta que o tratamento dado à subjetividade na linguagem advém de uma visão primeiramente indicial sobre ela, e seguindo “para uma abordagem da língua enquanto semiótica e enquanto semântica, a qual conduz a uma concepção de língua em que ela toda estaria submetida à enunciação, através de um constante processo de apropriação subjetiva” (ARESI, 2011, p. 263).

Apesar de estarem organizados de maneira sistemática e explicativa pelo autor, os princípios apresentados por Benveniste em *O Aparelho* não constituem uma metodologia por ele fixada. Contudo, os caminhos percorridos por Benveniste nos permitem depreender uma análise de base enunciativa da língua, que pode partir dos aspectos enunciativos elencados por ele e ramificar-se na profundidade com que olhamos para os fenômenos de cada língua em sua universalidade: ao detectarmos os índices específicos e ao apreendermos o que há de singular em tal sistema, o que se apresenta como procedimento acessório.

Ademais, vemos que o aparelho formal não é um todo depositado em cada indivíduo, mas um sistema que estabelece as relações necessárias para a produção de sentido a cada vez que o locutor escolhe formas específicas para mobilizar. Assim, o sistema está estabelecido em potencial em cada locutor e é reconstruído a cada vez que o locutor dele se apropria, de modo que as novas formas que agrega ao seu repertório de formas passam a constituí-lo de maneira a advir dele e da coletividade que o faz sujeito.

### **3.3 Retomando o fio da meada**

Em síntese e em relação a esta última seção do presente artigo, verificamos que, para Ono (2007), a enunciação é o ponto nodal, o eixo principal que embasa a visão dos aspectos da linguagem em todos os estudos de Benveniste. Em contrapartida, Dessons (2006) considera a visão de homem como sendo norteadora da concepção benvenistiana de linguagem. Então, como considerar ambos pontos de vista? O próprio percurso deste artigo busca denotar que a visão antropológica, destacada por Dessons na primeira seção, é ponto de partida na teoria benvenistiana, no sentido de que as suas considerações sobre o homem subjazem suas

teorizações sobre a língua. Sua noção de enunciação, aparecendo como teórica ou não ao longo de seus trabalhos, parece partir da noção de homem e ir sempre ao encontro dele, uma vez que ele só se faz homem quando e porque enuncia. Assim, os pontos nodais salientados por Ono e Dessons aqui se condensam a partir do pressuposto de que a língua contém a sociedade e faz o homem e seu mundo. Não há homem sem enunciação, e aqui, neste trabalho, propõem-se questões sobre o desafio de o homem se refazer e refazer sua realidade através da enunciação em língua adicional, através do ato individual de apropriação de uma nova língua. Tal apropriação implica utilizar outra língua de um modo que é diferente do que conhece por singular. A teoria enunciativa nos leva a questionar: “o que ele fez para dizer o que disse?” Ao enunciarmos em língua adicional, estamos a todo momento envolvidos em tentativas de referir e correferir pelo discurso, segundo a mesma necessidade que nos move em língua materna, porém lidando com uma mobilização que nos exige mais: mesmo conhecendo a diferença entre as formas de cada língua, é preciso conhecer as diferenças de seu emprego. A interdependência dos domínios semiótico e semântico aqui é ainda mais visível: o semiótico é impossível de ser proferido se não estiver em relação com o semântico: antes de ser enunciada, a língua não é senão possibilidade de língua e, como discurso, já colocou em funcionamento o sistema de signos de modo singular. A enunciação simplesmente só existe quando enunciamos mobilizando os índices específicos, contudo também tendo conhecimento sobre os procedimentos acessórios que constituem as funções naquela língua, ou seja, o seu processo de agenciamento das formas. A hipótese com a qual trabalhamos aqui, por fim, é que a percepção das interdições que a cultura postula na língua influencia os procedimentos acessórios de apropriação dessa nova língua, de modo que este processo que é experienciado pelo locutor é afetado pelas noções de sociedade e de cultura, pois a língua as contém. Discutiremos essa questão mais profundamente na seção seguinte.

#### 4. O homem na língua do outro

Os mecanismos enunciativos colocam em funcionamento um sistema específico do qual o homem se vale para se fazer homem e para atingir outro homem através do signo que converte em palavra. A partir do que foi retomado de forma breve nas seções anteriores, podemos delinear de alguma maneira **a natureza do processo enunciativo**, com o ponto de vista de Dessons (2006), e **os princípios que regem seu funcionamento**, que se relacionam com os aspectos discutidos com base em Ono (2007). Isto posto, deslocamos a problemática para

pensar: que princípios regem a constituição de um sujeito que já foi fundado homem por sua língua materna, mas que se faz sujeito em uma língua adicional? Qual é o papel exercido pela cultura na constituição desse novo lugar de falante no mundo?

A sociedade é a condição da linguagem e é dada com a linguagem. A comunicação se realiza sempre em uma língua, de acordo com uma estrutura linguística específica e singular, e esta é inseparável de uma sociedade que é definida e particular (Dessons, 2006, p. 50). Isso tem a ver com a própria natureza da língua, que está ligada com uma condição social específica do homem, em que o advir do indivíduo se dá juntamente com o advir da coletividade, como já destacamos. Quando buscamos nos instaurar em uma nova língua, intrinsecamente a coletividade que constitui a sociedade de falantes dessa língua se posiciona como o nosso interlocutor e nos convoca a interpretá-la; e essa alteridade, sendo constitutiva, passa a ser decisiva no processo de aquisição da nova língua. Reconhecer e compreender quem é o nosso *tu*, enquanto imerso em uma sociedade composta de valores possivelmente outros e enquanto língua que interpreta essa sociedade e seus valores é um passo importante na constituição de um *eu* que, mais do que reconhece e interpreta signos pronunciados em palavras da outra língua, enuncia suas próprias palavras em língua adicional ao apreender a cultura que representa o modo como essa sociedade significa coletivamente. Assim, ao aprendermos uma nova língua, somos convocados a interpretar a sociedade e sua cultura que é, de certa forma, subordinada a ela. Dessons (*op.cit.*, p. 51) pontua que “*la nature herméneutique, ou interprétative, du lien qui les unit fait de la langue le terme premier de cette relation*”. Essa natureza hermenêutica faz com que atinjamos a sociedade através da língua de seus falantes.

Em um movimento constitutivo, vimos que a língua nasce de uma alocação, que postula locutor e alocutário. Em uma macrodimensão, o ponto de vista de análise desse fenômeno engloba a visão da sociedade que fala uma determinada língua e é constituída por práticas de valor específico, o que constitui sua cultura. Assim, a cultura passa também a influenciar o processo de enunciação, estabelecendo interdições no dizer dos falantes, as quais provêm de crenças e práticas dessa sociedade. Mesmo que não interfiram de modo direto nas mudanças do sistema, o ato individual de apropriação dos falantes mobiliza os caracteres e, assim, referem a um outro que é constituído e atravessado por valores culturais, da mesma forma que sua língua.

Para uma visão de aprendizagem de língua adicional ancorada em princípios enunciativos, portanto, não há como afirmar que se aprende o sistema enquanto puro mecanismo estrutural, que o agenciamento das formas se dá de maneira a obedecer apenas



regras sintáticas. A cultura, enquanto parte da natureza constitutiva de qualquer língua, interdita e molda essa estrutura e esse mecanismo de enunciação através da apropriação do locutor e do modo como o interlocutor recebe sua enunciação. O outro será, assim, aquele que correferre ou não a partir das relações possíveis e das relações interditas que foram mobilizadas na língua-alvo. É através da língua, que interpreta a sociedade e seus valores, que o homem enquanto falante compreende e apreende os valores culturais, e a negociação de seu novo lugar de falante no mundo se dá através da interlocução com o outro.

## 5. Considerações finais

O percurso adotado no presente artigo buscou partir de bases antropológicas destacadas por Dessons (2006) no trabalho de Benveniste, segundo a seção 1, e seguir por uma análise focalizada nos aspectos da enunciação estudados por Ono (2007), discutidas na seção 2, com vistas a sugerir um encaminhamento de análise da enunciação em língua adicional. Sabendo que Benveniste não traçou um quadro metodológico de análise da enunciação, busca-se delinear princípios benvenistianos que norteiem uma análise do fenômeno enunciativo.

Aresi (2011) destaca que o parâmetro da análise enunciativa é a relação *forma e sentido*. Desse modo, o percurso aqui sugerido pretende apontar para um caminho descritivo e explicativo dos sentidos empreendidos pelos locutores que enunciam em língua adicional, levando em conta as negociações que constituem esse mecanismo com vistas à hipotetizar sobre o modo com que eles mesmos relacionam forma e sentido, ou seja, enunciam em língua adicional, porém com foco no modo como percebem e se apropriam das interdições impressas pela cultura na língua.

Por sua vez, a seção 3 apresentou reflexões sobre a visão de língua e sua relação com a cultura e a sociedade em Benveniste, através de um deslocamento de princípios de análise do objeto enunciação para implicações do viés benvenistiano na análise da enunciação em língua adicional. Desse modo, questionamo-nos: o que significa analisar a enunciação em língua adicional por tal viés? O que este ponto de vista trará de novo para acrescentar às análises já empreendidas sobre esse objeto? Buscou-se, neste artigo, conceber um primeiro movimento de pesquisa teórica que embasa as análises, as quais se dão em caráter de dependência do quadro formal que caracteriza a enunciação e dos outros níveis da análise linguística - como os aspectos prosódicos, o agenciamento lexical e a organização sintática -; além de levar em conta a relação

da sociedade e da cultura e dos valores que imprimem na língua para analisar seu papel na aquisição e na enunciação em língua adicional.

### Referências

ARESI, F. Os Índices Específicos e os Procedimentos Acessórios da Enunciação. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011.

\_\_\_\_\_. **Síntese, organização e abertura do pensamento enunciativo de Émile Benveniste: uma exegese de O Aparelho Formal da Enunciação**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras: UFRGS, 2012.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, 1966/2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 1974/2006.

FLORES, V. do N.; SURREAUX, L. M. A voz e a enunciação. In: **Estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa**. NEUMANN, D.; DIEDRICH, M. S. (orgs.). Passo Fundo: Editora Méritos, 2012.

ONO, A. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Lambert Lucas: Limoges, 2007.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

SILVA, C. L. da C.; STUMPF, E. M. O papel dos índices específicos e dos procedimentos acessórios na enunciação e na metaenunciação da criança. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 8 - n. 1 - p. 115-143 - jan./jun. 2012.

Artigo recebido em: 04.02.2014

Artigo aprovado em: 22.04.2014